

VARIAÇÃO E MUDANÇA GRADUAIS: A PREPOSIÇÃO ‘DE’ EM CONSTRUÇÕES DE TEMPO

GRADUAL VARIATION AND CHANGE: THE PREPOSITION “DE” IN TIME CONSTRUCTIONS

Maria Cecilia Mollica¹

Hadinei Ribeiro²

RESUMO

O artigo discute a variação regional em construções temporais com a preposição ‘de’. O foco reside em demonstrar, em caráter inicial, que a variação e mudança no emprego desse nexos, a exemplo de *vou de 11 horas x vou às 11 horas*, motivam questões importantes e atuais no que tange à equivalência semântica de variantes linguísticas e à força da identidade regional na manutenção de padrões linguísticos socialmente marcados e desprestigiados. Além de o estudo apontar resíduos de processos contínuos de mudança linguística a partir de processos diacrônicos diagnosticados a partir do latim.

PALAVRAS-CHAVE: variação e mudança, contato linguístico, preposição, diacronia.

ABSTRACT

The article discusses the regional variation in temporal constructions with the Brazilian preposition 'de'. The focus is to demonstrate, in preliminary character, that the variation and change in the use of this nexus, such as ‘Eu vou **de** 11 horas’ (I go **from** 11 o'clock) x ‘Eu vou **às** 11 horas’ (I go [**to**] 11 o'clock), motivate important and current issues with regard to the semantic equivalence of linguistic variants and the strength of regional identity in the maintenance of socially marked and discredited linguistic patterns. In addition to the study, we point out residues of the continuous processes of linguistic change existing in the current Brazilian Portuguese from diachronic processes diagnosed from Latin.

KEYWORDS: preposition, linguistic contact, linguistic variation and change, diachrony. .

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CNPq). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Linguística e Filologia. Contato: ceciliamollica@letras.ufrj.br.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Recém-Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professor de Letras e Linguística. Contato: hadinei@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A preposição ‘de’ como nexos entre construções nominais e verbais do português ocupa notório espaço em discussões acadêmicas e dicionários do idioma (SILVEIRA, 1951; MIRA MATEUS, 2003; MOURA NEVES, 2000; AVELAR, 2006). Trata-se de uma preposição largamente utilizada no português brasileiro cuja funcionalidade possui uma gama de variação que perpassa diferentes construções sintáticas e percepções semânticas. Estas últimas vão desde a ausência de conteúdo informacional (valor meramente expletivo) à relações complexas, inclusive ambíguas, cuja interpretação é opaca, caso não se considere a situação comunicativa. Um exemplo clássico é a construção ‘Quadro da Maria’, que tanto pode significar (1) ‘um objeto (quadro) que pertence à Maria’ ou (2) ‘um quadro que contém a pintura de Maria’.

Os diversos dicionários do português têm computado esses variados empregos da preposição ‘de’. Uma busca no dicionário online ‘aulete³’ revelou vinte construções com o conector. Para além de apenas *linkar* x a y, várias acepções são diagnosticadas, dentre elas: origem (veio de Belo Horizonte), causa (dormiu de sono), condição (amanheceu de ressaca), tempo (esfriou de madrugada), dentre outras.

No presente texto, trazemos à tona a variação entre a preposição ‘de’ e ‘às’ em construções temporais. Trata-se de variação bastante saliente, dado que usos como ‘vou de 11 horas’ causam nítida estranheza não apenas pela comparação com a prescrição dos compêndios gramaticais como também pelos usuários da língua de modo geral que, obviamente, não fazem parte da comunidade linguística em análise. Croft (1990) postula que o valor marcado e não marcado de uma determinada construção e sua relação com fenômenos de mudança linguística pode ser medido por algumas variáveis, a saber: (i) complexidade estrutural; (ii) saliência fonológica ou morfossintática; (iii) frequência; (iv) avaliação subjetiva das formas variantes. Assim, a estrutura não marcada costuma exibir um número menor de material linguístico, tornando-se menos notada e menos saliente do ponto de vista do processamento, além de ser mais frequente e menos estigmatizada quando recebe alguma avaliação. Em contrapartida, a estrutura mais marcada exige esforço cognitivo maior de processamento. É mais notada, portanto mais saliente e tende a ser menos frequente; via de regra, recebe avaliação negativa, mormente nos casos de variantes não *standard*.

Nesse sentido, busca-se, neste estudo, evidenciar as construções variáveis de temporalidade em que há substituição da preposição canônica ‘às’ pela preposição “de”.

³ www.aulete.com.br

Colocam-se em foco as ocorrências extraídas da Amostra de Natal do Discurso&Gramática⁴, a exemplo de ‘*ele chegou de oitohoras*’ e ‘*elas acordavam lá de cinco horas da manhã*’, em que *de* substitui a contração do artigo *as* com a preposição *a*, formando *às*, regência prevista pela tradição gramatical nas locuções indicativas de horas. São as seguintes as questões de pesquisa: (a) a preposição ‘*de*’ nas construções marcadas seria equivalente semanticamente ao seu emprego na construção não marcada? (b) seriam as formas marcadas próprias do dialeto nordestino? (c) caso sejam, seria esse um caso de orientação para a identidade (LABOV, 1972), uma vez que as ocorrências demonstram que os falantes têm conhecimento da forma canônica?

2. DO LATIM PARA O PORTUGUÊS

Poggio (1999) argumenta, com base em dados do discurso de Pro Caecina⁵ de Cícero, a existência de três preposições no latim: *de*, *ex* e *ab*. As preposições ‘*ab*’ e ‘*ex*’, conforme Lindsay (1937:146), tiveram origem no indo-europeu, sendo ‘*ab*’ uma correspondência de ‘*ap*’ (*de*), forma reduzida do grego ‘*apo*’, e ‘*ex*’ uma variação de ‘*eks*’ (*ek* + *se*). Rubio (1983:177-178)⁶ explica que essas três preposições compartilhavam a mesma ideia de afastamento, porém as formas ‘*ab*’ e ‘*ex*’ mantinham traços peculiares e, ao mesmo tempo, antagônicos: *ab* indicava ‘*afastamento a partir do interior*’ e *ex*, ‘*afastamento a partir do exterior*’ de um objeto. Poggio (1999) cita trechos dos Diálogos de São Gregório em que essas preposições aparecem com as acepções acima:

(1) [...] *pro iniuria quam ingresserat recedere eum velle ex monasterio putabat* (1, 24, 9-11)

(‘[...] cuidou-se ca se queria ir **do** mosteiro polo torto que lhi avia feito (1, 5, 9)’).

(2) [...] *cum mane facto ad eundem locum fratres venerunt adque invenerunt molem tantae magnitudinis ab eodem loco longius recessisse* (1, 45, 8-10)

(‘E pois foi manhãã veeron os frades e acharon o penedo muito alonjado **daquele** logar que eles avian mester (1, 13, 14)’).

Como se pôde observar no discurso de Cícero, a preposição ‘*de*’ possuía uma acepção mais ampla e imprecisa em relação aos pares ‘*ab*’ e ‘*ex*’ ((...) Si qui meam familiam de meo fundo (...) / Se alguém expulsasse minha família **de** minha terra). Além disso, pelo fato de

⁴ Acessível em <http://www.discursoeagramatica.lettras.ufrj.br>

⁵ (1) Si qui meam familiam **de** meo fundo deiecerit, **ex** eo me loco deiecerit; si qui mihi praesto fuerit cum armatis hominibus extra meum fundum et me introire prohibuerit, non **ex** eo, sed **ab** eo loco me deiecerit... (POGGIO:1999)

⁶ Assim como também atesta o dicionário online latim-português <https://pt.glosbe.com/la/pt/>. Acessado em 20/11/2018.

iniciar com consoante, o ‘de’ obtinha vantagem em processo de conquista de autonomia sintática. Com noção semântica mais ampla e melhor candidato à autonomia sintática, o ‘de’, com o tempo, absorveu as acepções de suas concorrentes, para além de seu sentido básico de subordinar um substantivo a outro, eliminando suas concorrentes em estágios mais tardios da língua e tornando-se um item multifuncional.

Poggio (1999) registra trechos de Diálogos de São Gregório em que a preposição ‘de’ aparece com as acepções de suas concorrentes:

(3) [...] *antiquum hostem de obsessio homine protinus expulit* (2, 104, 3)

(‘[...] e logo o enmiigo saiu **do** seu corpo (2, 16, 4)’)

(4) [...] *annis singulis de loco suo ad cellam [...] venire consueverat* (2, 99, 20-21)

(‘[...] viinha cada ano **do** lugar en que morava ao moesteiro de San Beento (2, 13,)’)

O processo contínuo de variação e mudança linguística parece ter encontrado força motriz com a disseminação do latim vulgar que, cada vez mais, constituía-se de camadas linguísticas e dialetos que o projetava de um extremo rígido (latim clássico) a um outro extremo de ramificação nas mais diversas línguas românicas (RAVIZZA, 1940; ELIA, 1979), impulsionado pelas conquistas territoriais do império romano. O latim vulgar, por se tratar de uma língua da conversação diária entre diferentes povos, sofreu importantes mudanças tanto em níveis sintáticos quanto morfológicos e fonético-fonológicos. A preposição ‘de’, pela notória frequência em que era empregada, acabou expandindo ainda mais suas funções como mostram Farenzena e Dalpian (2008). De acordo com as autoras, as preposições no latim eram antigos advérbios ou partículas que se desprenderam de formas nominais flexionadas. Eram itens de reforço, utilizadas para imprimir maior clareza às frases. No caso da preposição ‘de’, seu uso era comum com o caso ablativo, flexão nominal responsável pelas marcações de tempo, modo, lugar e origem. Maurer Jr. (1959) argumenta que a preposição ‘de’ era inicialmente favorecida em contextos cuja noção se restringia a *ponto de partida* e, mais tarde, teria expandido seu uso para outros domínios, como tempo, modo e, inclusive, causa (*hac de causa* / por este motivo).

São várias as noções atribuídas à preposição ‘de’ de acordo com Farenzena e Dalpian (2008):

1. Complemento de matéria: ...*templum de mármore* (tempo **de** mármore);
2. Complemento de argumento: *Caesar scripsit libros de bello gallico*: César escreveu sete livros **sobre** a guerra gaulesa);

3. Complemento de culpa: *accusare/ postulare aliquem repetundarum* ou *de repetundis* (acusar alguém *de* peculato);
4. Movimento a partir de um ponto, sugerindo tempo: *non bonus somnus de prandio* (não há bom sono depois da refeição); *de tertia uigilia* (durante a terceira vigília);
5. Complemento de pena: *damnare aliquem de majestate* (condenar alguém por crime de lesa majestade);

De acordo com Maurer Jr., a preposição ‘de’, na passagem do latim clássico para o vulgar, passou a assumir papéis comuns às flexões nominais responsáveis pelo complemento atributivo do nome, como: *Urbs Roma* (cidade de Roma), *Oratio Cicerones* (discurso de Cícero), entre outros. Desse modo, o uso da preposição ‘de’ se espalhou para diversas construções (FARENZENA e DALPIAN, 2008: 7-9): ADJETIVO + SUBSTANTIVO – pobre do menino; GENITIVO: caderno de Pedro; COMPLEMENTO ADNOMINAL PARTITIVO: alguns de nós/um quilo de ouro; COMPLEMENTO DE QUALIDADE: um livro de mil páginas; COMPLEMENTO DE DESTINAÇÃO: xícara de chá; COMPLEMENTO DE MATÉRIA: relógio de ouro; COMPLEMENTO COMPARATIVO DE DESIGUALDADE: ...mais alto do que... ; entre outros.

Chama-se a atenção aqui para o complemento de tempo. No latim clássico, de acordo com Farenzena e Dalpian (2008: 8), havia várias preposições que exprimiam a ideia de tempo: *in, per, ad, usque, ante*. No latim vulgar, permaneceram apenas três: *in, ad e de*. A preposição ‘de’ indicava, predominantemente, tempo *a partir de, depois de, cerca de*: *de media nocte* (à meia noite), *de tertia uigilia* (a partir da terceira vigília), etc.

Todo esse breve histórico em torno da preposição ‘de’ dá base a algumas hipóteses:

- (a) a preposição ‘de’ tinha espaço “restrito” no Latim e ganha paulatinamente amplitude no Português; (b) o processo mencionado pode ser explicado por várias razões: (i) a literatura temática refere-se à redução dos casos latinos por força da diferença entre o Latim Clássico e o Latim Vulgar; (ii) a gramaticalização é vetor importante para ‘de’ entrar com força no Português; (iii) razões fonético-fonológicas também impulsionaram a gramaticalização de ‘de’; (iv) processos metafóricos e metonímicos contribuíram igualmente para a implementação de ‘de’ no português com novos sentidos e novas funções na gramática. Confirmados tais fatos, postula-se então: (i) traços semânticos de ‘de’ podem ser projetados num contínuo entre um polo em que ‘de’ é indispensável e um oposto em que ‘de’ é dispensável; (ii) ‘de’ se posiciona no contínuo a depender da presença ou ausência de traços residuais de casos latinos, como em ‘livro de Pedro’; (iii) ‘de’ constitui nexos preposicionais no português com funcionalidade tal que é o primeiro

candidato quando envolve inovações no português; (iv) ‘de’ tem caráter prototípico no sistema preposicional da língua portuguesa.

Nota-se que o valor temporal de ‘de’ é arcaico. Os dados extraídos da comunidade em análise apontam possíveis resíduos de usos da preposição ‘de’ em tempos mais remotos da língua. A equivalência semântica, colocada em questão no início do texto, entre as preposições ‘de’ e ‘às’ não é de todo estranha, haja vista, porém, a inquestionável superação de ‘às’ nas construções de tempo.

3. AMOSTRA E RESULTADOS QUANTITATIVOS

A database da pesquisa foi a Amostra de Natal do Discurso&Gramática⁷. A partir do levantamento das construções de temporalidade consideradas inovações por Mollica et alii (2013a), procedemos primeiramente à análise quantitativa e, posteriormente, à análise qualitativa.

Na Amostra de Natal, foram levantadas, na primeira etapa, as seguintes construções de temporalidade com a preposição *de* em substituição aos nexos canônicos. Temos então estruturas com alguns verbos:

1. Vai *de* onze horas da manhã
2. Chegou *de* oito horas
3. Eu saía *de* doze
4. Saio *de* seis
5. Eu chego *de* sete e meia...oito horas
6. Saímos daqui *de* duas horas e meia
7. Chegamos lá *de* quatro horas
8. Nós fomos embora na quarta feira de manhã *de* 6 horas
9. Só saía *de* dez e quinze
10. Acordava no outro dia tarde...*de* meio dia

Na segunda etapa, foram levantadas as mesmas construções na sua forma canônica:

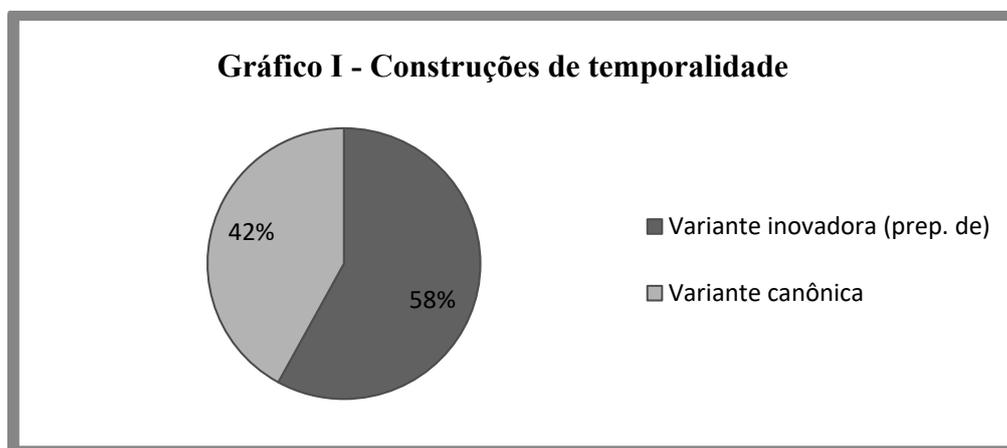
Vai/fomos às X horas

1. Chegou/chego/chegamos às X horas
2. Eu saía/saio/saímos às X horas
3. Acordava ao meio dia/às X horas

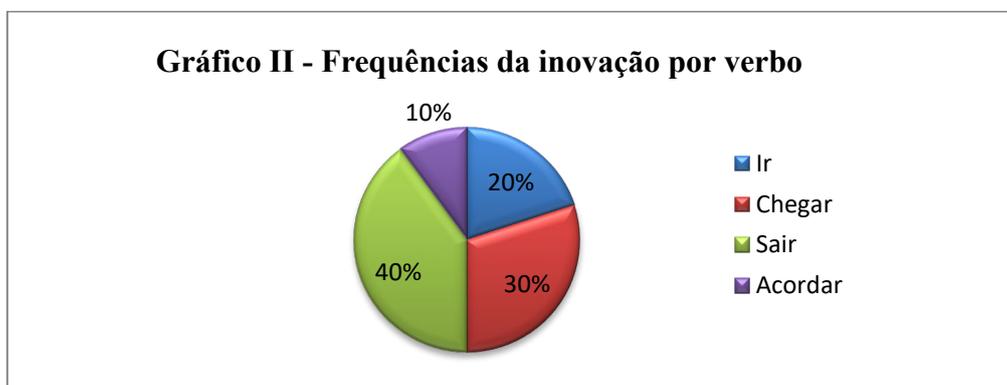
⁷ <http://www.discursoegramatica.lettras.ufjf.br/>

Em (a) e (b), temos a configuração da variável dependente.

- a) no centro da cidade ... então vai **de** onze... vai **de** onze horas da manhã (Variante inovadora)
- b) no centro da cidade ... Então vai **às** onze... vai **às** onze horas da manhã (Variante canônica)



O gráfico I, que teve como base os dados de Natal, demonstra que a variante inovadora nas construções de temporalidade sobrepõe a variante canônica. Vejam-se em seguida a distribuição de ‘de’ inovador diante dos verbos ‘ir’, ‘chegar’, ‘sair’, ‘acordar’.



No *corpus*, verificou-se o nexos ‘de’ com valor temporal com verbos de movimento e ou em construções temporais, em substituição a outros nas variedades do português brasileiro falado e escrito. Os resultados comprovam que a preposição ‘de’ vem avançando em diversos contextos substituindo outros nexos, como nos exemplos a seguir. A análise abrange todos os casos de ocorrências de ‘de’ por substituição aos empregos canônicos esperados.

- a) **vai de onze horas da manhã** e volta às quatro horas. (retirado da amostra Natal do Projeto D&G - Discurso e Gramática)

b) “o governo não está admitindo ninguém... as empresas estatais estão fechadas pra tudo...”
aí você fica “pô... gostam tanto de mim... gostam... adoram... só que não podem fazer nada”
[] o que? econômico... o governo está **sem o dinheiro de investir**... em empresa... no caso do
governo... ne/ na... nas própria empresas... do qual... ele próprio... pelos roubos que estão
tendo... ele está vendendo as empresas... . (retirado da amostra Rio de Janeiro do Projeto D&G
- Discurso e Gramática)

c) Marcos eu não sei não ... talvez ... porque já este/ já tenham chegado todos do trabalho ... já
tenham chegado todos da universidade e ... casais ... pessoas com um nível ... um certo nível
cultural ... **se interessem de ver ... de dormir ... de assistir antes de dormir** ... um pouco
desses programas pra se informarem do que tá acontecendo é ... de novo no Brasil ou o que tá
surgindo de novo. (retirado da amostra Natal do Projeto D&G - Discurso e Gramática)

Em (a), a expressão canônica seria *às onze horas*. Em (b), ‘de’ substitui ‘para’; em (c), substitui ‘por’, regendo o verbo interessar, numa cadeia coordenada. Em todos os contextos, parece haver equivalência semântica, o que nos autoriza assumir a existência de variável dependente constituída pela alternância de usos inovadores de ‘de’ com os preconizados pelo cânone, com os nexos *em, sobre, por* e outros.

Tudo leva a crer que o mesmo se processou na passagem do latim para o português, quando ‘de’ começou a confundir-se com ‘ab’, que desapareceu. Ali (1964: 204) aponta ‘de’ como a preposição latina empregada com mais frequência e para diversos fins. Inicialmente, ‘de’ exprimia ‘afastamento de cima para baixo’, diferente de ‘ab’, que significava ‘afastamento no sentido horizontal’. Também Machado (1977) considera ‘de’ como a preposição mais plena, com vantagem do ponto de vista da estrutura silábica CV (consoante-vogal) em relação à VC (vogal-consoante) de ‘ab’ e ‘ex’, de tal modo que foi capaz de eliminar as variantes competidoras. As outras variantes tornaram-se categorias afixais, formando vocábulos em português como exportar, abjurar, ou ainda como elemento de composição ex-ministro, ex-marido.

As razões alegadas pelos gramáticos são suficientes para explicar a escalada da preposição ‘de’ em todas as sincronias do português? Isto parece conferir-se em (d) em que ‘de’ indica noção existente ainda no latim de afastamento de cima para baixo, embora esta construção no português venha competir com *no rio abaixo*. Contudo, não se confirma em (e).

d) ele pode até ter valor... mas o problema é dele... eu vou ajudar meu irm/ meu filho... meu irmão... um tio... um parente... não interessa... entendeu? se o cara tem valor ou não... então seu valor perante/ que é dado... de tanto você estudar... é jogado **de rio abaixo**... então eu acho

que a gente deve fazer/ as pessoas que tem classe média. (retirado da amostra Rio de Janeiro do Projeto D&G - Discurso e Gramática)

e) Aconteceu uma coisa super boa comigo faz umas semanas... que eu estava num barzinho sentada... no Leblon... com vários amigos... aí: eu... olhei pra frente assim:... e reconheci uma pessoa que é um profissional super conhecido **de design do Rio**... e eu conhecia ele por causa de outros eventos que eu inclusive trabalhei... (retirado da amostra Rio de Janeiro do Projeto D&G - Discurso e Gramática)

A preposição canônica esperada em (e) é ‘em’, dado que a interpretação da construção seria conhecida na área de design. Dessa forma, assume-se que valores distintos do ‘de’ prototípico projetam-se num gradiente contínuo até atingir o estágio de ausência de variação com o congelamento das construções correspondendo a um único sentido, a exemplo da expressão em ‘de tudo’ em (f).

f) A situação econômica do qual o país passa é desesperadora, pois você **vê de tudo nele**: mortes, fome, miséria, desemprego etc; e o ponto para resolver tudo isso é arrumar a economia do país, pagando as dívidas externas e acertando a política. Pois só um país arrumado politicamente sem conchavos, crimes do colarinho branco etc; fará com que o Brasil se torne uma grande nação respeitada por todo o mundo, e partindo desta política econômica, atingir de imediato à saúde, a educação e à moradia é o objetivo ideal de um país que pretende ser vitorioso. (retirado da amostra Rio de Janeiro do Projeto D&G - Discurso e Gramática)

Voltando-se para o ‘de’ que se alterna com usos canônicos em ‘às’, foi pertinente verificar também se o espalhamento da mudança operou ou opera diatopicamente em todas as comunidades de fala no Brasil. Assim, considerou-se a variável dependente em que a alternância dos nexos prepositivos não implica valores distintos, assumindo a prototipicidade da preposição ‘de’ que processa a inovação por substituição a nexos de empregos considerados canônicos. Para Taylor (1989), a introdução da noção de protótipos nos estudos da linguagem toma para estudo a construção que assume estatuto teórico sob a perspectiva cognitiva, deixando de ser apenas um epifenômeno. Seja um item lexical, sejam algumas unidades sentenciais, as construções estão sujeitas à uma gradiência quanto ao afetamento da mudança. As construções se distribuem numa gama dúbia de uso esporádico e devem ser olhadas como categorias prototípicas quando instanciadas como melhores e mais frequentes.

4. TRAJETÓRIA ATÉ AS CONSTRUÇÕES CONGELADAS

As análises empreendidas com a preposição ‘de’ demonstram que:

1. A simplificação paradigmática (MOLLICA et al, 2013a) localizada regionalmente na atual sincronia do português brasileiro pode ocorrer em construções temporais em que a segunda ocorrência de ‘de’ foge à canonicidade e é paralela à expressão ‘de madrugada’ como mecanismo de regularização. Nem sempre se observou a operação de regularização. Segundo Bybee (2010), a frequência com que um exemplar de construção é empregado mantém relação estreita com a representação mental que o falante passa a ter da gramática. Paulatinamente, as construções vão sendo afetadas. No nível da regência, ‘de’ é a primeira preposição escolhida no caso de inserção, substituição, cancelamentos, quanto mais opaco seu valor funcional, pois é a mais frequente (SILVEIRA, 1951). ‘De’ tem então pouca chance de alternar (ou substituir) com outro nexos com o mesmo valor de verdade havendo distinção funcional.
2. O contato entre comunidades dialetais produz um efeito em cascata na operação de simplificação paradigmática na regência nominal e verbal de algumas construções do idioma.
3. O falante opta para a direção do prestígio (LABOV, 1972), acomodando-se às variedades de comunidades que apresentam alta frequência das variantes canônicas, como mecanismo de retração à mudança.

Em construção congelada, não há variante competidora. Na maior parte dos casos, há oposição entre *correr de* versus *correr para*, o que torna improvável a produtividade de uma regra variável, uma vez que uma variável dependente, como sabemos, supõe duas ou mais variantes equivalendo ao mesmo sentido. Assim nos parece que, diacronicamente, houve o congelamento de construções como (i) *ele mora de frente* em oposição a (ii) *o apartamento é de fundos*. Nesse último caso, em especial, não há par de construção com outra preposição e, por não ter variante competidora, tal exemplo difere dos demais casos. A distinção de sentido não deixa dúvida em *olhar de frente* versus *olhar em frente*, no entanto, o português acolhe a variação em alguns casos. Note-se que só houve uma ocorrência na amostra do Rio de Janeiro, o que nos leva a confirmar que, do mesmo modo que muitas expressões se congelaram, provavelmente, numa trajetória histórica e contínua, também outras construções em que o prototípico ‘de’ vai se “infiltrando” são candidatos a processo de mudança em gradiência. Vale retomar a reflexão de Lavandera (1978) para lançar algumas questões:

- (a) Construções que constituem opções linguísticas dos falantes apresentam equivalência semântica mesmo no nível morfossintático e configuram variável dependente genuinamente?
- (b) Os contextos temporais são mais favoráveis à inovação em exame?
- (c) Os falantes apresentam consciência no processamento da variação quando fazem uso das estruturas inovadoras em foco?
- (d) A operação de acomodação às construções canônicas é um indício para se provar a monitoração estilística?
- (e) A que pressões os falantes se submetem para operar reanálise e promover alterações na língua por meio da qual os valores das preposições se tornam diferentes?

Uma das etapas de análise durante o período forneceu indicadores para responder às perguntas de (a) a (e).

Os usos alternantes foram extraídos da amostra do Projeto D&G (Discurso e Gramática)⁸. Compararam-se as ocorrências no acervo do referido projeto de Natal com as do acervo da fala do Rio de Janeiro. A análise qualitativa dos valores de ‘de’ foi imprescindível para a discussão de equivalência e não equivalência de sentido. A intrincada reflexão apontou soluções interessantes para as construções congeladas, assim como para o que se postulou como mudança em gradiência (MOLLICA, 2013b).

Cada um dos informantes dessa amostra apresenta cinco tipos distintos de textos orais (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião). Os entrevistados têm diferentes níveis de escolaridade (ver informações extraídas do site do Projeto D&G), desde a alfabetização até o ensino superior, o que possibilitou a verificação da variável ‘escolarização’. A variável ‘gênero’ não se mostrou relevante, diferente da distinção entre fala e escrita. Um exame quantitativo dos dados constituiu procedimento predominante. Os resultados processados em Goldvarb (2001) apoiam as teses defendidas. Para a amostra de Natal, o gráfico I exhibe os quantitativos relativos à região Nordeste e os índices de ocorrências das construções com o ‘de’ prototípico. As frequências estão também relacionadas às variáveis ‘modalidade de língua falada e escrita’, ‘verbos de movimento (como chegar, sair) versus outros verbos’, categorias como ‘adjetivos e substantivos’ e à variável ‘escolaridade’, considerando Nível Superior versus Ensino Médio e

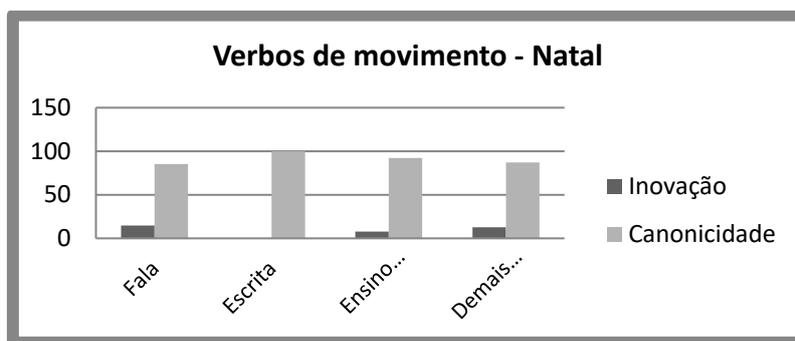
⁸ Acessível em <http://www.discursoeagramatica.lettras.ufrj.br>.

Ensino Fundamental. Numericamente, não foi possível obter pesos relativos confiáveis, porém as porcentagens já são suficientes já que apontam tendências relevantes.

As frequências constatadas no gráfico II confirmam que a inovação (introdução do ‘de’ prototípico por substituição a outros nexos preposicionais), opera, sobretudo, com verbos de movimento, como mencionado na introdução em exemplos como (1) *vai de onze horas e volta às quatro horas (...)*. Além disso, comprovam a relevância das variáveis modalidade, escolaridade, indicando que a inovação se dá predominantemente na fala de sujeitos com escolaridade abaixo do nível universitário. Tais resultados apontaram para a procedência do processamento dos dados levando em conta somente os verbos de movimento. A singularidade desses verbos nos conduziu a processar somente seus empregos variáveis com as variantes canônicas como em (2) *Cheguei às três horas* versus a construção inovadora (3) *Cheguei de três horas*.

Pelo gráfico III, reafirma-se que a inovação incide especialmente em construções com verbo de movimento, como em (4) *eu sei que ele chegou de oito horas*, no sentido de que a pessoa chegou em X lugar às oito horas. Os índices de emprego da variante inovadora são altos no Nordeste, embora haja variação com a variante canônica com frequências bem mais baixas.

Gráfico III - Índice de ocorrências de ‘de’ na amostra de Natal somente com verbos de movimento



O gráfico III reflete a importância dos verbos de movimento para a inovação em estudo. A construção é especialmente regionalizada, tratando-se de um caso raro em que uma dada construção não se espalha, ainda que haja muita migração de falantes da região para outras localidades do Brasil: o ‘de’ prototípico, com valor temporal, não afeta verbos de movimento na região Sudeste.

Para verificar o comportamento da inovação em todo território nacional, os dados foram também processados num mesmo arquivo considerando novamente as variáveis independentes.

Nessa etapa, foram retirados os verbos de movimento, uma vez que não apresentam a variação em análise no Sudeste. Num universo de 137 dados, o resultado é de 10.9 de *input* do ‘de’ que se sobrepõe às demais preposições. Os resultados não mostram especial efeito da diferença entre fala/escrita e dos níveis escolares, no entanto, na região Nordeste, os quantitativos demonstram que as construções são mais salientes. Comparando as frequências entre os dialetos analisados, verifica-se maior número de empregos das variantes consideradas “regionalizadas” (no Nordeste).

Seria o caso de pensar que o nexos ‘de’ prototípico imprime valores semânticos dos verbos que rege em contexto como (i) *chego de 6 horas no trabalho, saio de 7* em relação a seus pares *standard* (ii) *chego às 6 horas no trabalho, saio às 7*. Justamente aí há relevância de fatores? Os mesmos fatores são significativos exatamente nos contextos em que ‘de’ não tem qualquer valor semântico, como em *consegui de deixar de namorar este rapaz* (Amostra D&G Natal), *é difícil a gente ter mais esse amor que a gente tinha de antes* (Amostra D&G Rio de Janeiro)?

5. CONSIDERAÇÕES

Cabe esclarecer ainda que, desde o Português Medieval, na literatura dos cancioneiros e nos *Lusíadas*, vários verbos, nomes e adjetivos são empregados com regência ‘de’ variando com outros nexos, como na sincronia atual do português (NASCENTES, 1960: p.13). Tal fato confirma que ‘de’ é o nexos competidor com outras preposições na língua portuguesa.

Nascentes elenca *desejar de, determinar de, jurar de, louvar de, ousar de*, no português medieval. Note-se que, nos exemplos do gramático, o nexos não tem significado e acaba por desaparecer historicamente. Portanto, foi possível atestar construções que são marcas identitárias bem regionalizadas que tendem a desaparecer por acomodação (cf. GILES et al, 1980) devido à estigmatização em outras regiões do país. Não são, pois, traços rurbanos nos termos de Bortoni-Ricardo (1985; 2004) porque não migram para as periferias das grandes cidades.

As construções analisadas não atingem todo o território brasileiro, o que aponta para o fato de que ‘de’, especificamente nos casos em análise, permanece como característica de um marcador regional. A tendência à utilização da preposição ‘de’, também evidenciada em variantes não regionalizadas, confirma a existência de processo de regularização paradigmática no sistema de regência em português em outras construções. Leve-se em conta também o *input* baixo dos contextos em que o nexos ‘de’ se insere em regiões urbanas regendo bases nominais,

verbais, adjetivais e adverbiais. Paulatina e “silenciosamente” pode constituir variação e, finalmente, mudança em gradiência (MOLLICA, 2013b).

Os sujeitos migram para as regiões Sudeste do país. Ao perceber que são usos estigmatizados, escolhem a direção do prestígio (LABOV, 1972). Com base nesse pressuposto, é possível afirmar que os falantes possuem conhecimento das formas mais frequentes de suas comunidades discursivas. Os migrados constroem a identidade à semelhança do novo grupo, o que demonstra, segundo Eckert (2000), extrema percepção/sensibilidade linguística. Há que ressaltar que, em muitos casos, a variante regional, do dialeto fonte, não apresenta paridade de sentido com estrutura mais usada pelo dialeto de chegada, posteriormente preferida.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. I. S. Gramática Secundária & Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília (1ª ed. 1931). 1964.
- AVELAR, Juanito. Adjuntos Adnominais Preposicionados no Português Brasileiro. Tese de Doutorado. São Paulo: Unicamp. 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009, ed.37, p.596-97.
- BECHARA, Evanildo. O dequeísmo em português. In: URBANO, Hudinilson e DIAS, Ana Rosa Ferreira. *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortês Editora, 2001-2002, p. 310-317.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *A Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOUDREAU, D. *Literacy skills in children and adolescents with Down Syndrome*. Reading and writing, 2002.
- BRAGA, M. L. & MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- BYBEE, Joan. *Language Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARA JR., J. M.. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- CASTILHO, A de. *A língua falada no ensino de português*. Contexto, São Paulo, 1998.
- CROFT, W. Autonomy and functionalist linguistics. *Linguistics* 71.3, 1995, pp. 490-532.
- CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- ECKERT, P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford, Blackwell. 2000.

- FARENZENA, Deize; DALPIAN, Laurindo. A preposição de: do latim ao português. *Disc. Scientia*. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 9, n. 1, p. 193-203, 2008. Disponível em: < sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2008/a%20preposição>. Acesso em 29 de junho de 2012.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova GAL, S. *Language shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria*. New York, Academic Press, 1979.
- GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Towards a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. *Language in society* 2, 1980, p.177-192.
- HOPPER, P. & TRAUGOT, E. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Principles to linguistic change*. Oxford/Cambridge, Blackwell. 1994.
- LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word* 19, 1963, p. 273-309.
- LABOV, William. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. (ed.). *Proceedings of the 11th International Congress of Linguists*. Bolgna: Il Mulin, 1975, pp.825-51.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. The Overestimation of Functionalism. In: DIRVEN, René & FRIED, Vilém (eds.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. 1987, p. 311-332 (Published as vol. 20 of the series *Linguistics and Literary Studies in Eastern Europe*).
- LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*. 1978. v. 7, p. 171-182.
- LINDSAY, W. M. *A short historical latin grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1937.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Confluência, 1977.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. Cortez Editora, São Paulo, 2001.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro. 1959
- MILROY, J. & MILROY, L. Linguistic Change, Social Network and Speaker Innovation. *Journal of Linguistics* 21, 1985. p. 339-84.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- MILROY, L. R MARGRAIN, S. Vernacular Language Loyalty and Social Network. In: *Belfast Working Papers in Linguistics*, 1977.
- MIRA MATEUS, Maria Helena et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho. 2003.

MITCHELL, J. C. (org.) *Social networks in urban situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MOLLICA, M. C. Movimentos da preposição *de*. Conferência proferida na Universidade de Lisboa, 23 de julho de 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; LOFEUDO, Thaís; MOURA, Samara. Revisitando Lavandera: regência e contato em foco. II Jornadas Internacionales Beatriz Lavandera Sociolingüística y Análisis del Discurso. Universidad de Buenos Aires -Facultad de Filosofía y Letras Instituto de Lingüística. Buenos Aires, 28 al 30 de agosto de 2013 a.

MOLLICA, Maria Cecília; LOFEUDO, Thaís; MOURA, Samara. Mudança em Gradiência. *Revista Sociodialeto*. Campo Grande: UEMS/Campo Grande, Vo l u m e 3 , N. 9., E d i ç ã o E s p e c i a l . H o m e n a g e a d a P R O F E S S O R A D O U T O R A M A R I A L U I Z A B R A G A , março de 2003 b.

MOTA SANTOS, Pedro Perini Frizzera. Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições – o caso da preposição *de*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2007.

MOURA NEVES, Maria Helena de. Gramática de usos do Português. São Paulo: UNESP, 2000.

NASCENTES, Antenor. O problema da regência: regência integral e viva. Rio de Janeiro:Freitas Bastos, 1960. (?)

POGGIO, Rosauta M. G. Fagundes. Aspectos da gramaticalização na História das preposições do Latim ao Português. www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_05. Acesso em 29 de maio de junho de 2012.

POGGIO, Rosauta M. G. Fagundes. Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim. Tese de Doutorado. Univ. Federal da Bahia. Salvador, 1999.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows. 2001.

RUBIO, L. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1983.

SAID ALI, M. Gramática histórica da língua portuguesa. 3a. edição melhorada e aumentada. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANKOFF, D. *Linguistic variation: models and methods*, New York, Academic Press, 1978.

SANTOS, Pedro Perini Frizzera da Mota. *Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições – o caso da preposição de*. Belo Horizonte: Tese de doutorado, UFMG, 2007, 181 pp., mimeo.

SILVA NETO, S. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

SILVEIRA, Sousa da. Sintaxe da preposição *de*. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1951.

SOARES, Viviane. *A negação no contato entre dialetos*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009, 153 pgs. mimeo.

SOUZA MARTINS, Mariana. *A palatização de oclusivas dentais em contato dialectal*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2008, 145pgs, mimeo.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Oxford University Press, 1989.

TRAUGOTT, E. C. & HEINE, N. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, Vol.1, 1991.

TRUDGILL, P. Accomodation Between Dialects. IN: *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986, p. 01-38.

WEINREICH, U; HERZOG, M; LABOV, W. Empirical foudations for a theory of change. IN: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, C. (org.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968, p.95-195.

WILLIAMS, E. *Do Latim ao Português*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975.

Amstras Projeto D&G cessível em <http://www.discursioegramatica.lettras.ufrj.br>.